

2019

IX Seminário Internacional sobre
Desenvolvimento regional

Processos, Políticas
e Transformações
Territoriais

Local: Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil
Dias: 11, 12 e 13 de setembro de 2019
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional - Universidade de Santa Cruz do Sul



CADEIAS GLOBAIS DE VALOR: A INSERÇÃO DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

**Gabrieli dos Santos Amorim
Camila Weber, Nilson Luiz Costa
Daniel Arruda Coronel**

RESUMO

O agronegócio ao incorporar-se a progressos técnicos e inovadores em seus diversos setores, impulsionado pela crescente demanda de alimentos, que passa a exigir do mercado mundial maior agregação de valor em seus produtos finais, este fato desafia os países a evoluir de maneira competitiva e sustentável para atender a demanda, conquistar e manter espaço no mercado internacional através das cadeias globais de valor. O objetivo do trabalho é identificar qual é a posição do agronegócio brasileiro nas cadeias globais de valor, analisando sua participação nas importações e exportações no mercado global, através da utilização de dados secundários das bases estatísticas da AGROSTAT (MAPA) e Comex Vis (MDIC), para obtenção dos dados referentes a cadeia do complexo da soja brasileira e sua relação com a China, Estados Unidos e Argentina. A relação bilateral com a China levou o Brasil a mudança em seu perfil exportador, direcionando-se a exportação de produtos primários com níveis proporcionalmente baixos de processamento, tornando-se um importante importador de produtos manufaturados. A soja e sua importância como matéria prima exportada deve levar o Brasil a desfiar-se a aumentar sua capacidade tecnológica, agregando valor, para crescer dentro das cadeias globais de valor. A soja ainda impulsiona a relação dentro dessa cadeia global no âmbito das importações, pois os insumos para a sua produção em grãos, são oriundos de países agregados na cadeia global de valor.

Palavras – chave: Agronegócio. Cadeia Global de Valor. Brasil. Exportações. Importações.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos 70 anos, a fisionomia das propriedades rurais, através dos avanços tecnológicos mudaram completamente e a população começou a migrar do meio rural para o urbano, nos últimos 50 anos a população mundial duplicou exigindo que aqueles que permaneceram no meio rural, produzissem muito mais para abastecer o mercado interno e as demandas de exportação.

O agronegócio surge assim para suprir as exigências da sociedade humana, ao introduzir o seu termo pelos autores John H. Davis e Ray A. Goldberg que afirmam este ser a “soma total de todas as operações envolvidas na fabricação e distribuição de suprimentos agrícolas; produção operações na fazenda; o armazenamento, processamento e distribuição de commodities agrícolas e itens feito deles” (DAVIS; GOLDBERG, 1957, p. 2). Contudo o agronegócio abrange atualmente as funcionalidades do que compreendia a agricultura num lapso temporal de 150 anos.

O agronegócio tem sua relevante importância no âmbito mundial, contribui significativamente para o crescimento e desenvolvimento da sociedade. O PIB do Agronegócio Brasileiro apresentou-se com um crescimento de 0,38% mais precisamente no mês de julho nesse segundo semestre de 2018, esse crescimento somado com os 0,82% referente ao mês de junho do mesmo ano, auxilia para amenizar o desempenho inverso, referente ao início do ano de 2018 que representou -2,12%, estando assim com um desempenho negativo ainda de -0,85% no cenário atual (CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA, 2018).

O setor do agronegócio insere-se nas cadeias globais de valor. Elas são reflexos do processo de globalização, referindo-se a ideia de internacionalização dos processos produtivos, ou seja, a produção e suas atividades são fragmentadas em diversos países para a elaboração de um produto final onde nestes estágios fragmentados de produção, ocorre a agregação de valor a produtos intermediários, realizadas por uma única empresa ou separadas entre empresas diferentes, mas em escala global (OLIVEIRA, 2015; GEREFFI; FERNANDEZ-STARK, 2016).

Devido à importância dada ao agronegócio, tanto nacionalmente quanto internacionalmente como uma atividade econômica que está em ascensão, surge a necessidade de compreensão da seguinte indagação que direciona este estudo: Como o

agronegócio brasileiro está inserido nas cadeias globais de valor? Com o intuito de responder este questionamento, o objetivo deste estudo é analisar a posição do agronegócio brasileiro nas cadeias globais de valor, através de um levantamento de dados secundários das principais cadeias produtivas brasileiras, referente as suas participações nas exportações e importações no mercado global.

A relevância deste estudo refere-se a perspectiva de que os resultados podem servir de apoio para o desenvolvimento de estratégias e tomada de decisão no setor do agronegócio brasileiro, para que se possa agregar valor as atividades que o compõe e para alavancar a economia nacional, perante a participação internacional em cadeias globais de valor. Os autores Gereffi e Fernandez-Stark (2016), afirmam que as cadeias globais de valor exprimem uma grande parte do comércio internacional, do PIB global e do emprego e evoluem para uma ampla gama de setores como commodities, ligando empresas e trabalhadores de países em desenvolvimento, com o intuito de integrar a economia global.

O estudo é estruturado em sete seções, em um primeiro momento aborda-se a revisão da literatura sobre o agronegócio, as cadeias produtivas e as cadeias globais de valor. Após apresenta-se a metodologia aplicada identificando técnicas utilizadas para a elaboração do estudo, seguido das discussões e resultados obtidos pela pesquisa, e por fim são estabelecidas as considerações finais do estudo.

2 CADEIAS GLOBAIS DE VALOR

A globalização é um processo de internacionalização dos estágios produtivos de uma cadeia ao manter a sua integração funcional. A troca de expressões de “cadeia produtiva” para “cadeia de valor” é relacionada a integração funcional das atividades que são dispersas globalmente e que conta com o progresso tecnológico, fomenta a transferência de informação e comunicação que resulta na coordenação da fragmentação da produção distribuída globalmente (OLIVEIRA, 2015).

As cadeias globais de valor, representam o conjunto de atividades que empresas e trabalhadores realizam para produzir um produto desde sua elaboração até a seu uso final, inclui as diversas etapas de pesquisa e desenvolvimento, produção, marketing, distribuição entre outras, onde estas etapas podem estar presentes em uma única empresa ou separadas entre empresas diferentes, mas que são realizadas em escala global (GEREFFI; FERNANDEZ-STARK, 2016).

A indústria e o comércio internacional modificaram a economia mundial, principalmente ao fato de que a globalização a produção e o comércio fomentaram a alavancagem das indústrias de um significativo número de países em desenvolvimento,

onde a fragmentação possibilita que a produção possa ocorrer em diferentes países dentro ou entre empresas diferentes (GEREFFI; HUMPHREY; STURGEON, 2005).

Em relevância na economia global, as cadeias globais de valor exprimem uma grande parte do comércio internacional, do PIB global e do emprego e estão a evoluir para uma ampla gama de setores como commodities, vestuário, eletrônicos, turismo e terceirização de serviços, ligando empresas e trabalhadores de países em desenvolvimento para integrar a economia global, encaminhando-os para uma condição de desenvolvimento (GEREFFI; FERNANDEZ-STARK, 2016).

A globalização do processo de produção, traz ganhos de aumento de especialização e intercâmbio entre países combinada por dois fatores: a associação do mercado mundial e a fragmentação do processo de produção, na qual a fragmentação do processo de produção das empresas é exercida pela integração dos mercados mundiais e os processos de produção ou serviços passam a ser efetuados internacionalmente, ao combinar com as práticas interiores do país, onde isso para as empresas é um benefício ao realizarem atividades de *offshoring* dentro ou fora do país, leva-se a uma maior atividade do comércio, devido à grande comercialização de produtos intermediários entre os países durante o processo de produção. Assim os produtos intermediários são características que fundamentam a definição das cadeias globais de valor desde 1970, em que considerava as exportações de produtos cada vez mais compostas por importações de produtos intermediários e que esses eram negociados entre os países que faziam parte da fragmentação da cadeia, para a elaboração de produtos finais (FEENSTRA, 1998).

As cadeias globais de valor que constituem esta fragmentação da globalização, utilizam-se de seis dimensões, que são propostas em dois grupos os elementos globais (*top-down*) e os locais (*bottom-up*), o grupo de dimensões globais relaciona-se aos elementos internacionais e o grupo de dimensão locais refere-se à como os países integram-se nas cadeias globais de valores em parte que as dimensões globais são: estrutura de entrada e saída (processo de transformação de matéria-prima em produto final), espaço geográfico os países onde as diferentes atividades da cadeia estão inseridas e como a cadeia é conduzida (estrutura de governança), as dimensões locais são: *Upgrading* descreve o movimento dinâmico da cadeia, as circunstâncias institucionais (elementos econômicos e sociais) e a indústria de *stakeholders* onde como os atores da cadeia interagem para alcançar melhorias nela (GEREFFI; FERNANDEZ-STARK, 2016).

Desta maneira, a cadeia global de valor remete-se a ideia de como criar-se valor a concepção de um produto através das várias atividades que a englobam, até chegar ao seu uso final, com contraste em dois pontos principais: elementos globais (*top-down*) e os locais (*bottom-up*), no ponto global a atividade principal é a governança que refere-se as empresas

líderes e no ponto local a atividade principal concentra-se no *Upgrading*, ou seja, estratégias para melhorar sua posição no mercado global (GEREFFI; FERNANDEZ-STARK, 2016).

O *Upgrading* trata das estratégias adotadas pelos países e empresas para manter sua posição de vínculo com o mercado mundial, em que o grande desafio do *Upgrading* nas cadeias globais de valor é de como os países podem alcançar níveis melhores dentro dessa cadeia global de valor, ao deixar as atividades básicas para alcançar formas avançadas de produção, pode-se dizer que os países desenvolvidos direcionam suas atividades a alto valor agregado, enquanto os países em desenvolvimento tem baixo valor agregado as suas atividades (GEREFFI; FERNANDEZ-STARK, 2016).

O *Upgrading* econômico é um ganho que as empresas têm ao participar da cadeia global de valor, conquistada por meio do seu posicionamento dentro da cadeia e sua produção de maior valor agregado, porém ainda existem desafios como atender as demandas e os padrões exigidos (GEREFFI; LUO, 2014). A capacidade de evolução dentro das cadeias globais de valor e o *Upgrading* das atividades que detenham maior valor e processos mais eficientes é o quesito fundamental, para ter ganhos de economia, devido que apenas estar inserido na cadeia não basta para estes ganhos acontecerem (CARNEIRO, 2015).

Na cadeia global de valor as empresas são expostas a oportunidades e desafios. As oportunidades são representadas por ter a capacidade de atender uma demanda global eliminando as limitações de escala, também oportunidades de *Upgrading* de produtos e processos (qualidade e preço), os desafios estão presentes na intolerância de prazos no comércio internacional que é muito mais exigente, por isso a necessidade de vantagem tecnológica para que se possa garantir os prazos estipulados e também o desafio das pressões competitivas entre os exportadores destacando-se os melhores (GEREFFI; LUO, 2014).

Logo, as cadeias globais de valor, trazem alguns elementos como determinantes de inclusão dos países para participarem da cadeia de valor: o grau de abertura da economia, recursos naturais, humanos e tecnológicos e relações geopolíticas, esses elementos devem fazer parte das perspectivas das empresas que fazem parte das cadeias. (SILVA, 2017). A capacidade de inserção de um país de baixa renda nas cadeias globais de valor é tentar apreender ganhos como reduzir o desemprego e a pobreza e induzir ao seu desenvolvimento econômico, indica-se a ideia de que não é apenas participar da cadeia global de valor, mas sim obter-se lucros com a participação (GEREFFI; FERNANDEZ-STARK, 2016).

Ao participar de uma cadeia global de valor, o país não garante aos trabalhadores bons empregos ou condições estáveis aos trabalhadores, em muitos casos na inserção de economias exportadoras em países de baixa renda, oferecem condições precárias

(inseguras e insalubres) aos trabalhadores e promovem um rebaixamento social (empregos irregulares, pouco qualificado e de baixa remuneração) (GEREFFI; LUO, 2014).

Devido a essas condições dos países de baixa renda, os países em desenvolvimento, devido a tantas mudanças na economia mundial, observam que terceirização das multinacionais é facilitada nos últimos tempos, criando os serviços de *offshoring* nas indústrias de países em desenvolvimento (GEREFFI; FERNANDEZ-STARK, 2016). Em 1980, a capacidade de terceirizar as atividades de produção das transnacionais para países de baixo custo de mão de obra, influenciou-se pelas capacidades industriais e as predisposições para exportações de regiões como Ásia e América Latina recentemente industrializadas (GEREFFI, 2013).

Na perspectiva de Feenstra (1998), as atividades de terceirização influenciam a qualificação do trabalho (para mais ou para menos) na cadeia de valor, para o autor a terceirização reduz a demanda por mão de obra não qualificada, devido a transição do processo de produção para economias menos desenvolvidas, pois exige mais qualificação dessas economias em processos produtivos.

Assim, a procura da cadeia global de valor pelos BRICs (Brasil, Rússia, Índia e China), é dada pela oferta de trabalhadores de baixa renda, matérias-primas abundantes e mercados internos consideráveis, o autor refere-se ao Brasil como portador de enorme riqueza de commodities agrícolas, porém a participação destes países emergentes é influenciada pela sua abertura de comércio e investimento estrangeiro (GEREFFI, 2013).

Outro fato, que se pode relatar sobre cadeias globais de valor é que as empresas líderes se encarregam hierarquicamente de uma posição superior (poder da marca e tecnologia) da cadeia e que define as medidas de funcionamento, os benefícios e o valor produzido na cadeia (CARNEIRO, 2015). Dentro deste contexto existem as empresas líderes que são caracterizadas por empresas transnacionais, estas controlam e definem todas as atividades mais relevantes da cadeia global de valor (preço, entrega, desempenho) são impulsionadas pelo comprador, e as empresas fornecedoras que fazem parte da produção de bens e serviços, normalmente estão localizadas em países em desenvolvimento, os vínculos entre as redes de empresas estão cada vez mais intensificados com menores custos de transação e transporte ao caracterizar um mundo globalizado (GEREFFI; LUO, 2014).

Como estratégia de *Upgrading* as empresas líderes transnacionais buscam reduzir o número de seus fornecedores, de maneira que eles sejam bem localizados e mais capazes de acessar grandes mercados, como por exemplo a procura por países emergentes como a China, Índia, Brasil e Turquia, que se destacam na oferta de insumos, pré-produção e pós-produção (GEREFFI, 2013).

A globalização portanto, traz benefícios de forma desigual, direciona os ganhos a aqueles países com mais habilidades e poder, economias emergentes como China, Índia, Brasil e México beneficiam-se ao mudar este conceito, porém não pode-se dizer que a possibilidades para isso ocorre em demais países pois todos devem melhorar suas políticas para promover sua capacidade de desenvolvimento (GEREFFI; FERNANDEZ-STARK, 2016).

Nesta perspectiva de políticas, entra a figura do governo que para Gereffi e Luo (2014) tem papel crítico para os países que almejam participar das cadeias globais de valor, devido que governo tem a capacidade de oferecer um suporte de infraestrutura para auxiliar exportações, comunidades locais e os pequenos produtores a ter acesso aos mercados nacionais e internacionais, de maneira que o mesmo ofereça educação e treinamento para que os indivíduos edifiquem uma força de trabalho qualificada para o país, ao garantir as condições dos trabalhadores por meio de regulamentos pautáveis e condições de trabalho que possibilita um trabalho melhor remunerado. É necessário entender por qual meio de política é possível redistribuir renda para trabalhadores pouco qualificados na cadeia global de valor, que é altamente influencia-se pela globalização e o uso intensivo de tecnologia (FEENSTRA, 1998).

As cadeias globais de valor podem ser influenciadas por algumas condições: progressos das tecnologias ao reduzir os custos da dispersão geográfica, melhorias na fabricação integrada para reduzir problemas salariais causados pelo *offshoring* Norte-Sul. As cadeias globais de valor trouxeram mudanças mundiais, além de oportunidades de inserção a países de baixa renda, a terceirização, o uso de mão de obra e tecnologia influenciou está inserção dada pelas reformas políticas dos mercados emergentes (BALDWIN, 2012).

A conexão entre uma diversidade de economias amplia o comércio internacional os investimentos e a produção de bens resultantes da globalização. Para Oliveira (2015), a globalização e as cadeias globais de valor percorrem o mesmo caminho já que compreendem um conjunto de fatores semelhantes: tecnologia de informação e comunicação, liberalização comercial e redução de custos. Na próxima seção aborda-se o método de elaboração do estudo.

3 MÉTODO

O método de elaboração deste estudo, que consiste em analisar a inserção do agronegócio brasileiro nas cadeias globais de valor, caracteriza-se por ser uma pesquisa de natureza científica, o estudo apresenta caráter exploratório, devido que apresenta a exploração de características de determinado fenômeno ou de relações entre variáveis e

que se aproxima de uma nova visão sobre o problema em estudo. Desta forma, os estudos exploratórios assumem o levantamento como tipo de pesquisa (GIL, 2008).

Os procedimentos técnicos utilizados no estudo, são a pesquisa bibliográfica e a técnica de levantamento de dados considerando a importância para estudos exploratórios, quanto à forma de abordagem do estudo, trata-se da abordagem de pesquisa qualitativa e quantitativa envolvendo descrições e atribuições direta a números (HAIR JUNIOR et al, 2005).

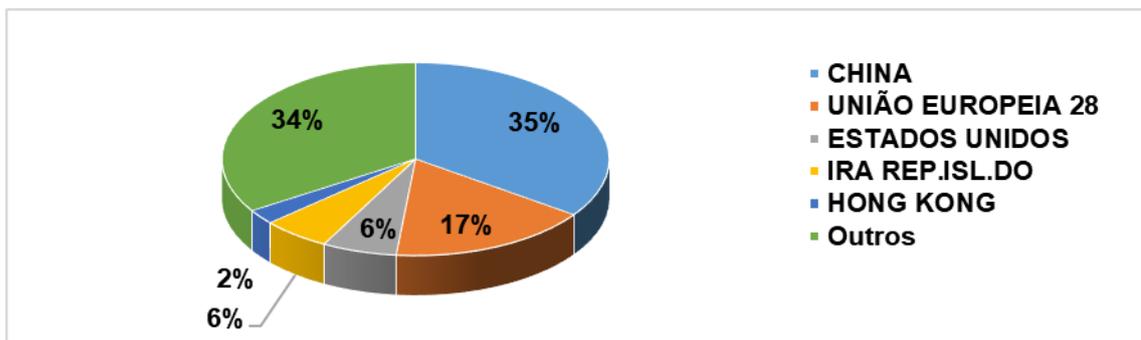
O levantamento de dados foi feito através de dados secundários de janeiro a outubro de 2018 apurados das bases: Estatísticas de Comercio Exterior do Agronegócio Brasileiro (AGROSTAT) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e Comex Vis do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), afim de conseguir dados relevantes que levem a interpretações pertinentes sobre qual é o posicionamento do agronegócio brasileiro dentro de suas principais cadeias produtivas em relação a suas exportações e importações frente as cadeias globais de valor. Os critérios de seleção para obtenção dos dados foram: a cadeia do complexo da soja e a relação entre os países China, Estados Unidos e Argentina.

Os dados secundários obtidos através do levantamento foram tabulados em planilhas eletrônicas no *software Microsoft Excel®* e posteriormente apresentados em forma de gráficos e mapa. Por fim, realizou-se a análise dos dados apurados, visando descrever as interpretações pertinentes dos dados apurados e conciliá-los ao objetivo proposto deste trabalho em analisar a inserção do agronegócio brasileiro nas cadeias globais de valor.

4 DISCUSSÕES E RESULTADOS

Nesta seção serão demonstrados os desdobramentos, estes, essenciais para a análise de dados pertinentes ao Brasil vinculados às suas relações comerciais internacionais exportações e importações de produtos tanto de natureza vinculado ao agronegócio como ao comércio de produtos brasileiros em geral. No primeiro momento, a pesquisa contou em identificar o destino das exportações brasileiras que pode ser visto no Gráfico 1, a seguir.

Gráfico 1 - Destino das exportações brasileiras do agronegócio

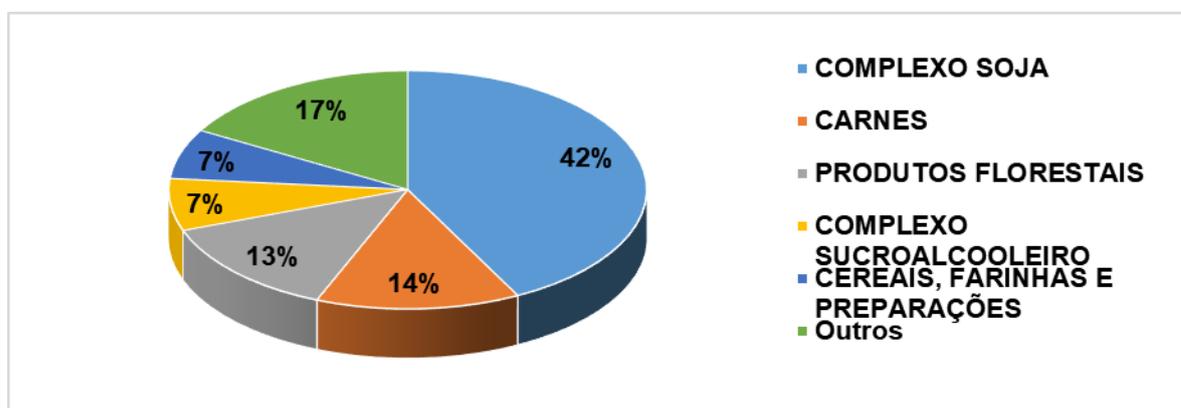


Fonte: Sistema de Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro - AGROSTAT (2018).

Pode-se constatar que a China é o maior receptor de produtos brasileiros atingindo uma porcentagem de 35% de sua carga de exportação, seguido da União Europeia que exporta um volume percentual de 17% de produtos agrícolas e os demais 52% da sua redução é destinada para inúmeros outros países como os Estados Unidos, entre outros. O Brasil ampliou seu percentual de participação nas exportações mundiais desde 2017, registrando um aumento diagnosticado acima da média do restante do mundo (BRASIL, 2018b).

Mikhailov et al (2017), traz a perspectiva que o Brasil tem fraca participação na cadeia global de valor devido as suas atividades de baixo valor agregado e reflete-se ao agronegócio como uma destas atividades. Para Wilkinson (2010), a faltam estratégias para o enaltecimento das atividades de commodities agrícolas, e sugere como estratégias seguros agrícolas, financiamentos para que se amplie a autonomia dos agronegócios em relação aos grandes *traders* e fortaleça sua participação nas cadeias globais de valor. Além dos principais destinos, no Gráfico 2, apresenta-se os produtos mais significativos das exportações brasileiras.

Gráfico 2 – Produtos de exportação brasileira do agronegócio



Fonte: Sistema de Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro - AGROSTAT (2018).

O Brasil estatisticamente tem o complexo da soja como seu principal produto exportado pelo agronegócio com um percentual de 42% entre a soja em grãos, o farelo de soja e o óleo de soja e em segundo lugar aparece a carne com um percentual de 14%, sendo estes os dois principais produtos exportados pelo agronegócio do país, o complexo da soja tem como seu principal destino a China.

O Brasil como exportador de carne insere-se no mercado internacional com grande importância no abastecimento mundial contribuindo para a dieta alimentar de diversos países. Atualmente a China e Hong Kong são os países que mais importam carnes brasileiras apresentando um percentual de 34% do seu valor total, já referente aos principais destinos das exportações do complexo da soja brasileira são aos países China 66%, seguida União Europeia 14% das exportações de soja brasileira (BRASIL, 2018a).

É necessário entender que as integrações nas cadeias globais de valor pode ocorrer para frente ou para trás, quando ocorre para frente é quando valor agregado de um produto é exportado para outro país para constituir um produto e ainda ser exportado para um próximo, já para trás é a ocorrência de um intermediário é exportado contendo valor agregado de insumos importados (MIKHAILOV et al, 2017).

O Brasil na cadeia global de valor apresenta-se como fornecedor de matérias-primas fomentado principalmente pelas commodities agrícolas, envolvendo ligações para frente na cadeia de valor, fornecendo para outros países o insumo de produção, salienta-se a importância do incentivo ao Brasil em exportar produtos com maior valor agregado para a obtenção de benefícios no comércio internacional além da necessidade de políticas estratégicas no setor público e privado, com o intuito de alavancar essa perspectiva de participação brasileira na cadeia global de valor, mesmo que a sua economia esteja sendo motivada por uma recessão econômica que afeta seu desempenho (FERREIRA; SCHNEIDER, 2015).

No período de janeiro a outubro de 2018, os produtos básicos como a soja representava 15% das exportações brasileiras (acréscimo em 2018 de 24 bilhões a 30 bilhões de dólares), óleos brutos de petróleo e minérios de ferro e seus concentrados representam 34,2%, os produtos semimanufaturados exportados são representados pela celulose que atinge 3,5% das exportações e os produtos manufaturados que se destaca em 2,1% de participação nas exportações são os automóveis de passageiros (BRASIL, 2018b).

Como parceiros comerciais brasileiros a China e os Estados Unidos importam alguns produtos da cesta do agronegócio brasileiro com mais relevância para os Estados Unidos os produtos são: produtos florestais 41% e café 12% e para a China são os produtos: complexo da soja 80% e produtos florestais 10% (BRASIL, 2018a).

Quando se compara o Brasil com o mercado chinês que é o destino por grande parte das exportações brasileiras, principalmente por soja, minério e óleos brutos de petróleo, considerados insumos de baixo valor agregado, o que se pode ver é a crescente exportação de commodities em relação a produtos manufaturados brasileiros (FERREIRA; SCHNEIDER, 2015). A China ocupa posições de alto valor agregado em suas atividades na cadeia de produção global possui um bom *Upgrading* de estágios, diferente do Brasil que está posicionado em etapas iniciais da cadeia de valor ofertando seus recursos naturais e intensivos (MARCATO; ULTREMARE, 2018).

As exportações para China em 2017 ultrapassavam 40 bilhões de dólares e no ano de 2018 de janeiro a outubro passam dos 50 bilhões de dólares representando 26,7% das exportações e está classificada em primeiro lugar no ranking de exportações brasileiras de janeiro a outubro de 2018, representadas por produtos básicos como soja 45% (acréscimo em 2018 de 18 bilhões para 24 bilhões de dólares), óleos brutos de petróleo 22% e minérios de ferro e seus concentrados 17% entre outros (BRASIL, 2018b).

Para os Estados Unidos tanto as exportações quanto as importações cresceram do ano de 2017 a 2018. O Estados Unidos representa 12% das exportações brasileiras e está classificado em segundo lugar no ranking de exportações de janeiro a outubro de 2018, as exportações brasileiras para os Estados Unidos são representados em maior número por produtos manufaturados representado pelos aviões 6,4%, seguido dos semimanufaturados representados pelos produtos de ferro e aço 11% e de produtos básicos representado pelos óleos brutos de petróleo 12%, entre outros (BRASIL, 2018b). Deste modo, pode-se observar que para os Estados Unidos as exportações do agronegócio são insignificantes comparada a China.

Quando se trata de exportações brasileiras outro país que não se pode deixar de mencionar é Argentina, para a Argentina as exportações decresceram e as importações aumentarem de 2017 a 2018. A Argentina representa 6,69 % das exportações brasileiras e está classificado em terceiro lugar no ranking de exportações de janeiro a outubro de 2018, as exportações brasileiras para a Argentina são representados em maior número por produtos manufaturados representado por automóveis de passageiro 26% e veículos de carga 7,8%, seguido dos produtos básicos representados minérios de ferro e seus concentrados 2,7% e soja 1,8% com acréscimo no ano de 2018 e de semimanufaturados representado pelo Zinco em bruto 0,63%, entre outros (BRASIL, 2018b). A Argentina país vizinho também está vinculada as exportações do agronegócio brasileiro principalmente pelo carro chefe a soja.

Diante do exposto da exportações brasileiras aos seus principais parceiros comerciais mesmo não sendo consenso na perspectiva de Delgado (2012), o Brasil está voltado a reprimarização, que reduz as possibilidades dentro de um processo de

industrialização e agregação de valor dentro de uma cadeia, redirecionando-se para a exportação de produtos do setor primário sem nenhum índice de processamento, tornando-se um desafio para o país. O Brasil como um país emergente teve um processo de industrialização tardia dificultando a exportação de produtos com valor agregado (AVRICHIR; ARAUJO; RAMIRO, 2016).

Adentra-se ao fator de que as importações brasileiras do agronegócio e do mercado brasileiro em geral, são oriundas de países que também exportam dele, estabelecendo laços de comércio e alianças que contribuem para o processo econômico mundial. Na visão do mercado em geral de produtos importados pelo Brasil em 2018, a representatividade de produtos manufaturados apresenta um percentual com mais de 50% das importações de produtos como medicamentos, peças para veículos, plataformas de perfuração entre outros, seguida de produtos básicos como trigo em grãos e semimanufaturados por exemplo cloreto de potássio (BRASIL, 2018b).

As importações brasileiras são provenientes principalmente de quatro países, Estados Unidos, China, Argentina e Alemanha em que entre janeiro e outubro de 2018 girou um valor monetário entre 8 a 29 bilhões de dólares somente entre esses quatro países que fornecem produtos ao Brasil. Essas importações são destinadas principalmente aos estados de São Paulo e Rio de Janeiro neste período (BRASIL, 2018b).

Os produtos com o maior percentual de importação brasileira são os cereais, farinhas e preparações, um montante que representa 25% do total importado, seguido dos produtos florestais num percentual de 11%, de produtos oleaginosos com exceção da soja com 8%, bem como os pescados no mesmo índice de proporção, o restante da alíquota de 40% divide-se em produtos alimentícios diversos, lácteos, fibras e produtos têxteis entre outros. As importações do agronegócio brasileiro referentes ao Gráfico 3 são provenientes principalmente dos seguintes países: Argentina 28%, União Europeia 22%, China 6,8%, Chile 6,6% e Estados Unidos 6,45%, entre outros (BRASIL, 2018a).

Quando se trata das importações brasileiras do mercado total, elenca-se os principais parceiros comerciais brasileiros no fator de importação a China, Estados Unidos e Argentina que por ventura são os mesmos países destinados as principais exportações brasileiras. As importações brasileiras da China também cresceram no ano de 2018, chegando a 30 bilhões de dólares (19,7%) e está classificada em primeiro lugar no ranking de importações de janeiro a outubro de 2018, destas importações mais de 90% são produtos manufaturados como equipamentos de telefonia, micro conjuntos eletrônicos, partes de aparelhos transmissores e receptores, entre outros (BRASIL, 2018b).

As importações provenientes dos Estados Unidos representam 15,6% do total de importações para o Brasil e está classificada em segundo lugar no ranking de importações de janeiro a outubro de 2018, as importações dos Estados são 90% de produtos

manufaturados principalmente por óleos combustíveis 17%, medicamentos 3,7%, gasolina 2,8%, inseticidas, herbicidas e formicidas 2,4%, entre outros (BRASIL, 2018b).

As importações da Argentina representam 6,04% das importações totais para o Brasil e está classificada em terceiro lugar no ranking de importações de janeiro a outubro de 2018, as importações da Argentina são provenientes em sua maioria de produtos manufaturados principalmente por veículos de carga representa 20% das importações, automóveis de passageiros 18%, seguido dos produtos básicos trigo em grãos que obteve acréscimo em 2018 chegando-se a 12% e cevada em grãos 1,4% e os produtos semimanufaturados como o alumínio bruto 0,83% entre outros (BRASIL, 2018b). Nota-se que a Argentina fornece produtos básicos ao Brasil da cesta do agronegócio como o trigo, o fato de o trigo ser importado é pelo menor custo de produção e qualidade em que o Brasil não abrange.

Diante do cenário encontrado no Brasil, além de suas atividades agrícolas que devem ser enaltecidas com valor agregado, o Brasil também necessita suprir sua demanda interna de produtos industriais e incentivar sua produção industrial de valor agregado, devido que o país é um grande importador de produtos industriais para atender seu mercado consumidor, ou seja, o Brasil está deixando de produzir produtos manufaturados (FERREIRA; SCHNEIDER, 2015).

O complexo da soja além de sua relevância na produção e exportação da soja em grãos e seus derivados como óleo e farelo de soja, pode sofrer transformações por ser uma fonte de proteína humana e animal servindo inclusive para a alimentação destes que fornecem uma variedade de produtos como leite, carne e ovos e que estão vinculados a cadeia da soja demonstram que o complexo da soja pode agregar valor a outros segmentos que dão continuidade a outros subprodutos de outras cadeias produtivas (SANCHES; MICHELLON; ROESSING, 2005).

Portanto, a soja é utilizada para dar origem a produtos comestíveis a humanos e animais e para a indústria. Desta maneira o complexo da soja é incremento na oferta de novos produtos, segundo Paula e Faveret Filho (1998), a soja em grão apresenta uma importante cadeia com derivações em produtos oleaginosos, produtos sólidos e produtos integrais. Oriundo dos produtos oleaginosos, o óleo cru tem como derivados o óleo refinado que dele extrai-se o óleo de cozinha, margarinas, antibióticos, desinfetantes, panificadores entre outros. Desse mesmo óleo cru tem-se a lecitina que se transforma em produtos de padarias, balas, revestimentos de chocolates, produtos farmacêuticos, fabricação de álcool de tintas, inseticidas, cosméticos entre outros. Derivados do óleo cru também se tem esteroides que dão origem a hormônios e biodiesel, além do glicerol e ácidos graxos.

Os autores ainda identificam como derivações dos produtos sólidos, a proteína crua que se divide em farinha para ser consumida como alimento e para uso industrial e lex para

a transformação em farelos animais e usos comestíveis e industriais. Da proteína crua aparece as proteínas isoladas que se dissemina também em uso comestível e industrial como bebidas e fabricação de fibras respectivamente. Contudo tem-se ainda como derivado da soja em grãos os produtos integrais que originam em produtos de soja na forma esponjada, vaporizada, cereal, farinha e outros derivados (PAULA; FAVERET FILHO, 1998).

A produção é negociada com os produtores rurais para a distribuição da matéria prima que pode ser industrializada elaborando outros produtos como óleo e farelo de soja que irão servir de insumo para subprodutos em outras cadeias produtivas (LEMOS, 2017). Para efetuar a produção da soja em grão, são necessários insumos como sementes, máquinas, fertilizantes e defensivos.

Diante do exposto uma variedade de produtos é gerada através do complexo da soja, apesar de não se utilizar a soja manufaturada, ela adentra nas cadeias produtivas como um incremento relevante em outros produtos que é dado principalmente pelas exportações desse complexo direcionado a uma agregação de valor. Por sua importância no agronegócio mundial, a soja em grão utiliza-se de produtos importados para sua produção que é o caso dos insumos que são na sua maioria importados de outros países.

Na análise de Costa (2017), através de dados da Indústria, Comércio Exterior e Serviços do Brasil, a China é a maior fornecedora de herbicidas ao Brasil, onde 100% das importações brasileiras são de herbicidas a base de hexazinona e 89% são a base de glifosato são provenientes dela, além dos inseticidas a base de fosfeto de alumínio e apresentam um percentual de 93% e de 57% a base de acetato. A Colômbia e a Índia são os principais fornecedores de fungicidas ao Brasil. Portanto, é possível notar que o Brasil além de agregar valor a produtos de diversas outras cadeias produtivas em que o complexo da soja fornece incrementos a produção, ele ainda é grande importador de insumos para a produção da soja em grão que acarreta também em um processo de agregação de valor ao relacionar-se com outros países fornecedores.

As políticas de proteção ao mercado doméstico do Brasil, limitam a integração do país as cadeias globais de valor deixando-a de forma superficial em ambiente de incertezas frente a globalização, diante que a perspectiva das cadeias globais de valor são para colaborar com a liberalização comercial de países, para favorecer a introdução de empresas nas redes produtivas, transformando as políticas comerciais dos países para maior interdependência em seus diversos setores (OLIVEIRA, 2015).

A economia brasileira está consideravelmente pouco integrada a economia mundial, quando comparada a economias de mercados emergentes similares e esta situação está vinculada ao fato de que a décadas o Brasil está direcionado a políticas para favorecer o mercado interno, mesmo que o Brasil encontra-se localizado as margens das cadeias globais de valor, devido as exportações brasileiras apresentarem maior valor agregado

nacional, não alimentando as exportações de outros países e ainda a proteção a produtos nacionais e tarifas altas, são fatores que reduzem as importações e exportações, fato também em que as barreiras comerciais passam a impedir o Brasil de beneficiar-se da economia global integrada, através da redução de tarifas sendo o primeiro passo para começar a integração nas cadeias globais de valor (OCDE, 2018).

A redução de barreiras comerciais proporciona a queda do preço dos importados aos consumidores, acarretando no aumento do poder aquisitivo desses consumidores principalmente os pobres que conseqüentemente influenciam no aumento da produtividade do país. As barreiras comerciais baixas influenciam na concorrência entre as empresas nacionais, onde muitas empresas serão extintas do mercado de maneira que direcionara a mão-de-obra para outras empresas mais produtivas com muitas vezes empregos melhores remunerados e a realocação dos processos é quesito importante para o crescimento e produtividade. Outro fato ao reduzir barreiras comerciais e acontecer um crescimento na economia, é necessário ter trabalhadores qualificados para os novos empregos que venham a surgir a setores em expansão, por isso a necessidade de treinamento para a preparação dos brasileiros principalmente jovens e mulheres que atualmente apresentam vinculo desfavorecido no mercado de trabalho (OCDE, 2018).

O Brasil tem a necessidade de participar das cadeias globais de valor, tendo que envolver-se a uma série de investimentos internacionais, caso contrário o país pode isolar-se dos vínculos econômicos internacionais. O Brasil tem chances de avançar na divisão internacional do trabalho com a ascensão de aportes tecnológicos. Diante disso, a inserção do agronegócio brasileiro nas cadeias globais de valor é esmorecida pelos acordos de livre comércio como ocorre com o bloco do Mercosul, fazendo com que os países participantes adotem uma política externa comercial comum, privando o país de muitas atividades comerciais (SILVA, 2017).

O Brasil ao tornar-se mais competitivo diante da concorrência alavancará o crescimento e a disponibilidade de empregos, oferecendo oportunidades a indivíduos desfavorecidos no país, e por isso a importância da participação do Brasil nas redes globais de valor pois esta pode contribuir para o crescimento econômico do país. É necessário pensar no papel destas negociações comerciais internacionais, devido à baixa perspectiva de reformas estruturais e sem um consenso político de reformas internas no Brasil, assim uma redução gradual das barreiras comerciais já é viável oferecendo mais tempo as empresas nacionais a adaptarem-se as mudanças (OCDE, 2018).

As principais relações comerciais entre os países Brasil China, Estados Unidos e Argentina, apresenta-se na perspectiva que o Brasil exporta com relevância produtos básicos para os demais países, em contrapartida China, Estados Unidos e Argentina prevalecem as suas exportações para o Brasil principalmente de produtos manufaturados. A

seguir apresenta-se a Figura 1, que demonstra as principais relações comerciais de exportações entre o Brasil, China, Estados Unidos, Argentina, Índia e Colômbia.

Figura 1 – Relações comerciais brasileiras



Fonte: Adaptado de portal de mapas IBGE, (2018).

Estes fatos caracterizam a evidencia que o Brasil no processo de fragmentação da produção não exporta produtos intermediários para a agregação de valor nas cadeias, porém em um ponto de vista dinâmico o país agrega valor ao ofertar matéria prima para a produção de subprodutos e ao importar insumos da China, Índia e Colômbia para a produção da própria matéria prima como o caso do complexo da soja, destaca-se integração do Brasil em manter as relações internacionais de agregação de valor entre as cadeias, por mais que seus processos de produção não compreenda neste caso os produtos intermediários.

A globalização apresenta como um fator interessante a integração nas cadeias globais de valor, que atravessam dezenas de países que se relacionam entre si, e aproveitam as vantagens competitivas da inserção nas cadeias, principalmente nos produtos comercializados. O Brasil, ainda está tímido frente a cadeias globais de valor, propicia a isolar-se do resto do mundo, consequência da falta de inovações e agregação aos seus produtos, além das barreiras econômicas existentes.

A competitividade do Brasil frente as exportações está basicamente nas commodities agrícolas, que apresenta a dificuldade do agronegócio para ir além das

relações com as *traders* e com países importadores, ao limitar-se a integração entre os países e conseqüentemente não avançando nas cadeias globais de valor, caso contrário o país alavancaria o seu crescimento e de suas empresas e suas relações comerciais, ao impactar positivamente na economia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo possibilitou compreender a posição do agronegócio brasileiro nas cadeias globais de valor, através de um levantamento de dados secundários, realizados nas bases de dados AGROSTAT do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e Comex Vis por meio da análise das importações e exportações brasileiras no mercado internacional.

A importância do agronegócio no cenário nacional e internacional baseia-se na compreensão de que as atenções mundiais estão voltadas para a crescente demanda de alimentos, que apresenta uma realidade indagadora de como alimentar uma população que vem a aumentar gradativamente ao longo dos anos. Nessa perspectiva, o agronegócio tende a possibilitar um crescente aumento da produção, ao oportunizar maior produtividade de forma sustentável e eficiente, devido as inúmeras inovações que o setor apresenta e oportuniza a uma integração entre os segmentos e proporciona maior agilidade e eficiência na cadeia produtiva como um todo.

Contudo as cadeias globais de valor emergem do efeito da globalização, do progresso tecnológico e o intercâmbio entre países modificando-se a economia mundial. A agregação de valor em produtos desde a sua concepção até o consumidor final, são estratégias de diversos países para manter-se no mercado mundial por meio dessas cadeias, fato que torna-se importante para as economias emergentes como o Brasil, em que as cadeias globais de valor oferecem oportunidades e benefícios aos países por passarem a suprir as demandas internacionais, promovendo a especialização em estágios de produção para gerar a agregação de valor e proporcionar o desenvolvimento econômico, a redução da pobreza e o desemprego.

O principal produto exportado pelo Brasil é a soja e seus derivados tendo como o mais relevante receptor a China, que em um comparativo com o Brasil exporta muitos produtos manufaturados e importa inúmeros produtos básicos ao contrário dele, pois a China possui um processo de fragmentação da produção e *Upgrading* agregando valor aos seus produtos finais. Em contrapartida o Estados Unidos e a Argentina não são dependentes do agronegócio brasileiro, pois as importações destes países se dão através de produtos manufaturados, mesmo porque esses países são grandes produtores de commodities agrícolas.

As importações brasileiras são provenientes principalmente da China, Estados Unidos e Argentina e apesar de que a maior dependência ser a de produtos manufaturados, o Brasil também importa produtos da cesta do agronegócio, como o trigo que é oriundo da Argentina que é a principal fornecedora de produtos do agronegócio para o Brasil.

Assim, o agronegócio está inserido nas relações comerciais de exportação e importação brasileira de forma relevante, principalmente pelo complexo da soja que é o produto de maior ênfase no agronegócio brasileiro. Deste modo, além de agregar valor nas cadeias globais como matéria prima, a soja brasileira agrega valor na fabricação de subprodutos como insumo de produção, tanto na alimentação quanto na indústria. O complexo da soja também agrega valor ao importar insumos para a produção da soja em grãos, onde o Brasil relaciona-se com diversos países fornecedores desses insumos que fazem parte das cadeias globais de valor.

Portanto o Brasil deve incentivar sua produção industrial para suprir a sua demanda de produtos manufaturados por meio de investimentos em tecnologia e inovação, enaltecer as commodities que são a sua principal fontes de exportações para agregar-se valor nas cadeias e diminuir as barreiras tarifárias e de proteção ao mercado para assim o país tornar-se competitivo no mercado global, oportunizando o seu crescimento econômico, por meio de negociações comerciais internacionais.

REFERÊNCIAS

AVRICHIR, I.; ARAUJO B. H.; RAMIRO, W. The dynamics of local learning in global value chains: uma análise crítica. **Revista Ibero-Americana de Estratégia – RIAE**, v. 15, n.2. p. 130-143, abr./jun. 2016.

BALDWIN, R. Global supply chains: why they emerged, why they matter and where are they going. **Global Institute Research Paper**, 2012.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **AGROSTAT**: portal para acesso gratuito às estatísticas de comércio exterior do agronegócio brasileiro. 2018a. Disponível em: < <http://sistemasweb.agricultura.gov.br/pages/AGROSTAT.html>> Acesso em: 20 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. **Comex Vis**: portal para acesso gratuito às estatísticas de comércio exterior do Brasil. 2018b. Disponível em: < <http://www.mdic.gov.br/comercio-exterior/estatisticas-de-comercio-exterior/comex-vis>> Acesso em: 20 out. 2018.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE, 2018c. **Portal de Mapas**. Disponível em: < <https://mapas.ibge.gov.br/> > Acesso em: 05 dez. 2018.

CARNEIRO, F. L. Fragmentação Internacional da Produção e Cadeias Globais de Valor. **Texto para Discussão n. 2097 - IPEA**, Brasília, 2015. Disponível em: < http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4376/1/td_2097.pdf> Acesso em: 20 out. 2018.

CEPEA. Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada. **PIB Agronegócio**. CEPEA-USP/CNA, 2018. Disponível em: <<https://www.cepea.esalq.usp.br/br/releases/pib-agro-cepea-pib-renda-do-agronegocio-sobe-0-38-em-julho-mas-segue-negativo-no-ano.aspx>> Acesso em: 09 nov. 2018.

COSTA, N. L. Preço de herbicidas e inseticidas: análise além da taxa de câmbio. **Jornal Correio do Povo/Caderno Correio Rural**, Porto Alegre/RS, p. 4 - 4, 04 nov. 2018. Disponível em: <<https://www.ufsm.br/grupos-de-pesquisa/npea/2018/11/05/preco-de-herbicidas-e-inseticidas-analise-alem-da-taxa-de-cambio/>> Acesso em: 20 nov. 2018.

DAVIS J. A. & GOLDBERG, R. A. **A concept of agribusiness**. Boston, Harvard University, 1957.

DELGADO, G. C. **Do capital financeiro na agricultura à economia do agronegócio: mudanças cíclicas em meio século (1965-2012)**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012. p. 77-109.

FEENSTRA, R. C. Integration of trade and disintegration of production in the global economy. **Journal of Economic Perspectives**, v.12, n. 4, p. 31-50, 1998.

FERREIRA, J. D.; SCHNEIDER, M.B. As cadeias globais de valor e a inserção da indústria brasileira. **Revista Tecnologia e Sociedade**, Curitiba, v. 11, n. 23, p. 106-128, jun./set. 2015.

GEREFFI, G. International trade and industrial upgrading in the apparel commodity chain. **Journal of international economics**, USA, v. 48, p. 37-70, 1999.

GEREFFI, G. Global value chains in a post-Washington Consensus world, **Review of International Political Economy**, v.21, p. 9-37, 2013.

GEREFFI, G.; HUMPHREY, J.; STURGEON, T. The governance of global value chains. **Review of International Political Economy**, v. 12, p. 78-104, fev. 2005.

GEREFFI, G.; FERNANDEZ-STARK, K. Global Value Chain Analysis: a primer. **Center on Globalization, Governance & Competitiveness (CGGC)**. Duke University. 35p. 2016.

GEREFFI, G.; LUO, X. Risks and Opportunities of Participation in Global Value Chains. **Policy Research Working Paper 6847**. This paper prepared as a background paper to The World Bank Development Economics, 2014.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2008. 175p.

HAIR JUNIOR, J. F.; BABIN, B.; MONEY, A. H.; SAMOUEL, P. **Fundamentos de Métodos de Pesquisa em Administração**. Porto Alegre: Bookman, 2005. 471 p.

LEMONS, M. L. F. et al. Agregação de valor na cadeia da soja. **Agroindústria - BNDES Setorial**, n.46, p. 167-217, 2017. Disponível em: <https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/14138/2/BNDES-Setorial-46_Soja_P_BD.pdf> Acesso em: 20 nov. 2018.

MIKHAILOV, A. et al. Inserção dos países BRICS nas cadeias globais de valor (1995 – 2011). **Revista do CEPE**. Santa Cruz do Sul, n. 46, p. 58-74, jul./dez. 2017.

MARCATO, M. B.; ULTREMARE, F. O. Produção industrial e vazamento de demanda para o exterior: uma análise da economia brasileira. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 637-662, maio. /ago. 2018.

PAULA, S. R. de; FAVERET FILHO, P. **Panorama do complexo soja**. Rio de Janeiro. BNDES, 1998. Disponível em: < http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Institucional/Publicacoes/Consulta_Expressa/Setor/Agroindustria/199809_5.html > Acesso em: 20 nov. 2018.

OECD. **Relatórios Econômicos OCDE: Brasil 2018**. OECD Publishing: Paris, 2018. 172 p. Disponível em: < <https://doi.org/10.1787/9789264290716-pt>> Acesso em: 15 nov. 2018.

OLIVEIRA, S. E. M. C. **Cadeias globais de valor e os novos padrões de comércio internacional: estratégias de inserção de Brasil e Canadá**. Brasília: FUNAG, 2015. 298 p.

ROESSING, A. C.; SANCHES, A. C.; MICHELLON, E.; As Perspectivas de Expansão da Soja. Anais dos Congressos. **XLIII Congresso da Sober** em Ribeirão Preto. São Paulo, 2005.

SILVA, D. O. Das cadeias produtivas globais ao Sinceramento: o agronegócio brasileiro e o Mercosul. **Revista Brasileira de Estudos Latino-Americanos REBELA**, v.7, n.1, p. 78-101, jan./abr. 2017.

WILKINSON, J. Transformações e perspectivas dos agronegócios brasileiros. **Revista Brasileira de Zootecnia**, v.39, p.26-34, 2010.